

A 4ª Conferência sobre Integridade Científica (Rio de Janeiro): perspectivas para uma Ciência mais íntegra e confiável

Sidinei Magela Thomaz

Univesidade Estadual de Maringá, DBI/PEA/Nupélia

A integridade na Ciência tem atraído a atenção de um público diverso que inclui os próprios cientistas, agentes que atuam em órgãos de fomento, empresas ligadas à C&T e da sociedade de uma forma geral. Uma das razões para o crescente interesse nessa área relaciona-se aos enormes prejuízos decorrentes de práticas pouco íntegras, que podem afetar o uso dos resultados da Ciência pela sociedade, a concorrência entre os cientistas pela obtenção de prestígio e recursos financeiros e, principalmente, a reputação da Ciência como um todo. Infelizmente, parece que as práticas antiéticas (ou pelo menos seu registro) têm aumentado nas últimas décadas (ver p. ex., Koocher & Keith-Spiegel, 2010).

Entre os dias 31 de maio e 3 de junho de 2015, realizou-se na cidade do Rio de Janeiro a 4ª Conferência Mundial sobre Integridade Científica (“World Conference on Research Integrity” - WCRI). O tema escolhido foi: **Recompensa e integridade científica: melhorando os sistemas para promover a pesquisa responsável**. A primeira WCRI ocorreu em Lisboa em 2007, em um esforço conjunto da Fundação Europeia de Ciência (“European Science Foundation”; ESF) e da Agência Estadunidense de Integridade Científica (“US Office of Research Integrity”; ORI). As conferências contam com a participação ativa

de representantes de agências de financiamento de Ciência, instituições de pesquisa, academias de Ciência, organizações governamentais e não governamentais e editoras. Destacam-se, entre os vários participantes e apoiadores desse fórum, importantes organizações como a “Nature Publisher Group”, “Committee on Publication Ethics” (COPPE), “World Health Organization” (WHO) e o “Panel on Responsible Conduct of Research”. No Rio de Janeiro, a 4ª WCRI contou com a participação de 500 inscritos de 55 países.

Em uma conferência tão expressiva e ampla como essa, obviamente a diversidade de temas tratados foi enorme, sendo praticamente impossível assimilar todos os aspectos discutidos em dezenas de palestras, workshops, apresentações orais e painéis. Porém, tento resumir a seguir, alguns pontos que me chamaram a atenção por terem sido discutidos de forma recorrente, indicando as tendências a serem seguidas pela comunidade científica internacional, no que tange às práticas responsáveis na Ciência.

(i) **Erros não intencionais são mais danosos à ciência do que os erros intencionais**, pois os primeiros ocorrem com maior frequência que os últimos. Entre os erros não intencionais, destaca-se relatar resultados de forma seletiva (“selective report”). Essa

prática inclui a escolha dos “melhores” resultados a serem apresentados e, principalmente, a não publicação de resultados nulos e resultados negativos (trabalhos com hipóteses rejeitadas). Segundo a Dra. Elizabeth Wager (consultora para diversas agências e associações sobre integridade científica), 50% da pesquisa médica dos EUA nunca foi publicada e 570 milhões de Euros investidos em pesquisa não produziram resultado algum. Esse viés resulta em uso inadequado de recursos financeiros e humanos, repetições desnecessárias de pesquisas e, principalmente, distorções em estudos meta-analíticos (ver p. ex., Franco et al., 2014). Outros erros não intencionais incluem o emprego de desenhos experimentais incorretos, a aplicação de análises estatísticas não apropriadas e a apresentação dos resultados e redação do artigo científico de forma displicente. Essas práticas, embora não intencionais, trazem profundos prejuízos para a ciência e para a sociedade.

(ii) Práticas antiéticas (em especial a fabricação e falsificação de dados, plágio e autorias indevidas) têm aumentado no meio científico nos últimos anos e esse aumento tem sido em parte, atribuído à concorrência exacerbada que existe entre os cientistas. Porém, algumas vezes essas práticas criminosas não são percebidas como antiéticas por alunos e pesquisadores iniciantes, especialmente se eles adentram um ambiente onde práticas eticamente questionáveis são adotadas rotineiramente. Por isso, recomenda-se um extenso esforço no sentido de proporcionar cursos e outras atividades que alertem os iniciantes sobre a importância da condução de pesquisas de forma íntegra. Além disso, comitês de ética das instituições de ensino e pesquisa e órgãos

de fomento devem apurar cuidadosamente todas as denúncias de práticas científicas inescrupulosas e punir aqueles que forem considerados culpados após o amplo direito à defesa.

(iii) A transparência total ajuda a reduzir (e corrigir) práticas não íntegras na ciência. Por exemplo, a manutenção de bancos de dados de qualidade, contendo todos os resultados brutos pode ajudar em reanálises dos dados, caso isso seja necessário. Várias revistas, por exemplo, requisitam os dados originais na forma de Material Suplementar, e essa prática deve ser cada vez mais empregada pelas revistas de qualidade. Da mesma forma, os autores devem discutir com transparência as autorias dos trabalhos científicos. Nesse sentido, para evitar a ocorrência de autorias indevidas, há uma tendência crescente em se requisitar que cada autor deixe explícito seu papel no desenvolvimento do artigo científico. Essa prática cria uma nova cultura na autoria científica, pois os autores passam a ser responsáveis pela sua contribuição específica. De certa forma, altera-se o sistema de “autoria”, no qual todos os autores são responsáveis pela integralidade do trabalho publicado, para um sistema de “contribuidores”, que permite aos leitores identificar qual o papel exato de cada autor na execução do trabalho.

Outros pontos relevantes que também mereceram ampla discussão (mas que não vou detalhar nesse documento para não torná-lo cansativo) incluem (iv) as vantagens da revisão dos artigos realizada após a publicação do trabalho (que só ocorre em revistas “Open Access”; ver p. ex., <http://f1000research.com/>); (v) o aumento da importância do sistema “Open Access”

(considerando-se somente as revistas que seguem as práticas íntegras de publicação) e (vi) a redução do peso do fator de impacto das revistas na avaliação dos cientistas.

Certamente o tema Integridade Científica entrou em definitivo na agenda da comunidade científica internacional e nós brasileiros temos o dever de orientar nossos alunos de graduação e pós-graduação sobre esse relevante assunto. Informações adicionais sobre a 4^a WCRI e as conferências anteriores podem ser obtidas em <http://www.wcri2015.org/>.

Agradecimento

Ao PROEX/CAPES por financiar minha participação na 4^a WCRI.

Referências

- Franco A, Malhotra N & Simonovits G. 2014. Publication bias in the social sciences: Unlocking the file drawer. *Science* 345: 1502-1505.
- Koocher G & Keith-Spiegel P. 2010. Peers nip misconduct in the bud. *Nature* 466: 438-440.